

Da historiografia da *belle époque* às narrativas locais sobre o ciclo e decadência da
borracha na Amazônia: apontamentos sobre patrimônio, arqueologia histórica e
contemporânea¹

Tiago Silva Alves Muniz

Doutorando em Antropologia (PPGA/UFPA)

Resumo: O que historiografia produziu sobre um ideário da *belle époque* amazônida? Como a antropologia lida com as narrativas locais sobre o ciclo e decadência da borracha? Como a arqueologia lida com os vestígios em estudos do contemporâneo? Neste trabalho pretendo abordar a arqueologia como texto produzido no contemporâneo e pelo contemporâneo para refletir sobre o fazer/pensar arqueológico e patrimonial e seus desdobramentos em aspecto material/imaterial. Esta pesquisa teve início com os achados arqueológicos de garrafas de bebidas no Baixo Amazonas. A partir de tal “materialidade do período da borracha”, como venho denominando, busco refletir sobre contexto da borracha em escala local e regional no Baixo Tapajós. De tal forma, através de abordagem de antropologia multiespécie virar o olhar de seringueiros emudecidos e desprovidos de agência para perceber como as comunidades lidam com os vestígios na região e quais são as narrativas locais produzidas sobre este período. Busco assim aqui investigar as relações entre emaranhamentos de seres e suas coisas, destacando a influência de autores como Tim Ingold, Donna Haraway e Eduardo Kohn ao refletir sobre tais potencialidades materiais que configuram este patrimônio na Amazônia. De tal maneira, a abordagem aqui desenvolvida está voltada para as interações coisas-humanos desde a percepção do meio ambiente para compreender tal trama de relações e discursos sobre a materialidade do período da borracha, assim proponho a produção de etnografias sensíveis a outras narrativas não hegemônicas sobre os ciclos da borracha.

Palavras-chave: período da borracha, arqueologia histórica, etnografia multiespécie.

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

Introdução: fazer arqueologia do/no contemporâneo

Neste trabalho pretendo abordar a arqueologia como texto produzido no contemporâneo e pelo contemporâneo para refletir sobre o fazer/pensar arqueológico e patrimonial em seus desdobramentos em aspecto material/imaterial. O ponto de partida para tal reflexão é situar e diluir a fronteira entre arqueologia histórica e estudos do contemporâneo. Alguns autores chamam de arqueologia do presente, arqueologia contemporânea, ou ainda etnoarqueologia – para mim ambos interesses de pesquisa estão voltados para elementos parecidos: a materialidade e trama de relações. Assim, abordo histórico de tais áreas de pesquisa, aspectos afetivos relacionados à construção de coleções particulares de bens arqueológicos na Amazônia, aspectos legais envolvendo a salvaguarda e atuação da arqueologia histórica no país. Por fim, abordo os desdobramentos dos estudos sobre patrimônio arqueológico no contemporâneo, segundo o objeto de estudo de minha tese de doutorado, a materialidade do período da borracha. Busco investigar neste recorte, não os materiais encontrados em si, mas as relações entre os agentes humanos e não-humanos expandindo desta materialidade para o mundo vegetal, destaco aqui a influência de autores como Tim Ingold e Eduardo Kohn ao refletir sobre os emaranhamentos de seres, potencialidades e suas coisas. De tal maneira, a abordagem aqui desenvolvida está voltada para as interações coisas-humanos desde a percepção do meio ambiente e assim, para compreender tal trama de relações e discursos sobre a materialidade do período da borracha proponho a produção de etnografias sensíveis a outras narrativas não hegemônicas sobre os ciclos da borracha.

Aqui trarei reflexões sobre o “fazer arqueologia” como estudo da materialidade no contemporâneo para transcender a história social das coisas e incorporar perspectiva recursiva para o estudo de potencialidades, agência e ressonância. Em seguida apresento estudos de casos e busco diluir fronteira entre arqueologia e contemporâneo ao lidar com o patrimônio arqueológico. Por fim, ao incorporar etnografias não-hegemônicas que discursam sobre meu objeto de pesquisa (materialidade do período da borracha) busco lançar olhar para os emaranhamentos de coisas e ontologias.

Clifford Geertz (1978) certa vez se questionou, o que faz o etnógrafo? A resposta precisa para tal indagação seria: ele escreve. Entretanto, corriqueiramente a resposta apresentada para a questão é: ele observa, registra e analisa – como uma forma de *veni, vidi, vinci* do assunto (GEERTZ, 1978:30). Desse modo, Geertz (1978, 2009) defende a

cultura como conceito semiótico e busca interpretar os significados de teias de signos, símbolos e significados pela interpretação que se afaste de normatizações, folclorização e etnocentrismos. Para Alfredo Gonzalez Ruibal (2009:18) Geertz foi um dos antropólogos que mais influenciou na arqueologia pós-processual.

“La fascinación por la antropología es tan poderosa que muchos investigadores posprocesuales, insatisfechos con las posibilidades de su propia disciplina, han querido escribir etnografías del pasado (p.ej. Tilley, 1996; Forbes, 2007). Naturalmente, en los trabajos etnográficos que tanto atraen a estos arqueólogos apenas hay mención alguna a la cultura material, pero al fin y al cabo uno de los problemas de la arqueología postestructuralista ha sido que el énfasis en lo social ha llevado a olvidar los aspectos más puramente materiales de la existencia (Olsen, 2007)” (RUIBAL, 2009:18).

Para Alfredo Gonzalez Ruibal (2009), a etnoarqueologia vem sendo entendida como subdisciplina da arqueologia para compreender melhor o registro arqueológico, especialmente de sociedades pré-históricas. Dado primeiro enfoque processual da etnoarqueologia, os anseios de pesquisa foram demasiadamente funcionalistas com preocupações econômicas e ecológicas, enquanto a abordagem sociológica e simbólica, que se deu devido à tendência pós-estruturalista e pós-processual, deixou os materiais ofuscados. Assim, Ruibal (2009:19) propõe que devemos fazer uma arqueologia do mundo contemporâneo que nos permita compreender melhor as sociedades vivas rumo ao que denomina *arqueologia do presente*.

Como *arqueologia do presente* o autor entende que, assim como a arqueologia é uma disciplina histórica, comum a etnoarqueólogos e antropólogos, sendo um de seus objetivos principais transcender a biografia do artefato e analisar as relações históricas imbricadas sobre pessoas e coisas (RUIBAL, 2009:20). Sem embargo, para Ruibal (2009:20) a arqueologia do presente é uma etnografia da materialidade, ou uma etnografia não convencional, uma descrição de sociedades vivas. A seguir apresentarei o contexto brasileiro de trabalhos de arqueologia realizada no presente, ou no contemporâneo para refletir sobre o que venho chamando de “materialidade do período da borracha”.

Arqueologia em sociedades vivas: etnoarqueologia e musealização na Amazônia

Ao abordar o uso da etnoarqueologia, Fabíola Silva (2009) destaca o polêmico debate acerca do uso de analogias e o domínio de abordagens processualistas e comportamentais para o campo até a década de 1980 (SILVA, 2009:28). Na Amazônia, resgata trabalhos de Barbosa Rodrigues e Emilio Goeldi, como pioneiros neste campo de estudo (SILVA, 2009:29). Em seguida, destaca os trabalhos de Michael Heckenberger (1996), William Balée (1998), e Clark Erickson (2008) para a compreensão ecologia histórica e dinâmica de paisagens (SILVA, 2009:29). Neste rumo ecológico, explora bibliografia de áreas de atividades em assentamentos e “assinaturas dos solos” (SILVA, 2009:31). Aborda ainda a dificuldade de lidar com a herança de conceitos de fases e tradições equiparados a grupos étnicos (SILVA, 2009:33). Por fim, salientando o engajamento material e transmissão de conhecimento, a autora destaca que a etnoarqueologia na Amazônia deve ser utilizada como abordagem que ultrapassa os modelos interpretativos e que revela as transformações culturais e possíveis variabilidades nos modos de vida amazônicos (SILVA, 2009:34-35).

Márcia Bezerra (2011) realiza um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para moradores da vila de Joanes, Ilha de Marajó (Salvterra, Pará). Parafrazeando o livro icônico de James Deetz (1996), *In small things forgotten*, Márcia ao mencionar as moedas colecionadas pelos moradores de Joanes diz *In small things collected* (BEZERRA, 2011:63). A noção trabalhada neste artigo é que nesta sociedade a ruína da Igreja Nossa Senhora do Rosário que ocorre na ilha não possui identificação com o patrimônio dos moradores, talvez por serem evidências já expostas à superfície, enquanto as pequenas coisas achadas enterradas, como as moedas, são aquelas que retomam a noção de antigo, sendo colecionadas por crianças. Por outro lado, as ruínas são locais de encontro, vistas pela autora como paisagens praticadas, ainda que não revelem uma noção de pertencimento (BEZERRA, 2001:67).

Neste contexto de colecionismo, Márcia Bezerra (2013) aborda as coleções realizadas na Amazônia a partir dos sentidos contemporâneos dados às coisas do passado. Nessa perspectiva a fruição do patrimônio arqueológico segue a noção de imaginação sensorial de Ingold (2008) ao abordar as sensibilidades das comunidades locais para com as coisas do passado ao dialogar com os materiais tão comumente encontrados nos quintais. É nesse terreno que os materiais dialogam e se apresenta sua vida oculta, para

utilizar o conceito de Santos-Granero (2009). Eis um campo vasto ainda a ser investigado, a alma das coisas vistas a partir das comunidades.

Desdobramentos de pesquisa: materialidade e período da borracha

A abordagem contextual e simbólica assume outros discursos inerentes aos materiais a partir dos anos 2000 na arqueologia. Trata-se de romper o silêncio e noção inerte das coisas, ou compreender a ontologia dos objetos (OLSEN, 2010). De tal modo, tal abordagem simétrica da arqueologia advoga que ser-se humano é viver com / entre coisas (VALE, 2015). Nesse sentido destaco a forma como Tim Ingold (2000) concebe o processo de fazer coisas em seu aspecto relacional, simétrico.

Em minha pesquisa para a tese de doutorado buscarei lançar olhar para a agência dos seringueiros ao analisar as más condições de trabalho e punição retratada pela historiografia do período da borracha. A reflexão relacional com o mundo de materiais aqui apresentada é que, as impurezas de matéria orgânica adicionadas ao látex extraído visam aumentar rendimento na produção de bolotas. Seguindo essa abordagem, busco interpretar os relatos sobre a dita má qualidade do látex brasileiro frente ao crescente mercado asiático no início do século XX. Partindo de prisma relacional sobre fruir com o ambiente, conforme entendido por Tim Ingold (2000), analisarei, por exemplo, a adição de impurezas vegetais ao látex como vestígio da ação humana, que pode ter ocorrido de maneira passiva, à medida que se dava sangria das seringueiras, a dinâmica florestal em plena consonância com os interesses dos seringueiros se encarregava de acrescentar matéria orgânica aos recipientes coletores ao vento esbravejar o adensamento de folhas e galhos secos, assim como restos de insetos e outros materiais. Para averiguar esta pergunta de pesquisa (qual papel da agência do seringueiro?) pretendo seguir além das referências sobre emaranhamentos, o pensamento sobre o não-humano de Eduardo Kohn (2013):

“When we focus only on the ways in which distinctively human thoughts relate symbolically—which informs linguistic, cultural, and social relationality and how we think about it—we miss something of the broader associational logic of “living thoughts.”

Tat nonhuman living beings are constitutively semiotic makes them selves. These nonhuman selves think, and their thinking is a form of association that also creates relations among selves. Attending to this other form of thought as a kind of relation, feeling it even, at times, emerge as its own conceptual object, and opening ourselves to its strange properties (such as the generative possibilities inherent to confusion or in-distinction), propels us to imagine an anthropology that can go beyond difference as its atomic relational componente” (KOHN, 2013:224).

A ideia aqui é incorporar narrativas não hegemônicas sobre o período da borracha, tanto fazendo usando de uma “imaginação sensória”, conforme Bezerra (2011) e trazendo de volta a vida os discursos dos moradores das comunidades sobre suas relações com a cultura material da borracha e seu entorno, assim como, explorar tanto as práticas quanto discursos contemporâneos como elementos da etnoarqueologia, ou para outros autores, arqueologia do presente, ou ainda, arqueologia do/no contemporâneo para adicionar informações sobre técnicas de produção da borracha e toda sua materialidade envolvida.

Cabe ressaltar, o papel ativo do arqueólogo como educador para a preservação do patrimônio, sendo impreterível seu posicionamento informativo contra a venda de peças arqueológicas, principalmente em contexto amazônico onde tais materiais afloram em quintais e por vezes os moradores não conhecem a legislação pertinente. Assim, entendo aqui conforme Appadurai (2008) que há um divórcio entre valor e preço atribuído às coisas, pois na vida social das coisas para que uma se torne mercadoria é necessária uma candidatura ao *status* de mercadoria. Portanto, sem entrar nesse regime de valor, as coisas continuam sendo coisas e não mercadorias, e parece que em contexto de comunidades locais na Amazônia os laços criados entre as pessoas e essas coisas do passado vão para além da questão material.

Considerações finais: belle époque para quem?

“As elites gomíferas e autoridades públicas acreditavam piamente que a incorporação de ideais, como os de modernidade e civilidade, trariam o futuro esperado, mesmo esse sendo

pretensamente unilateral. Sob tais aspectos pode-se perceber a anexação desses valores, inicialmente pelas elites e depois objetivando estender à sociedade manauara por via de Instituições e toda uma pedagogia elaborada em prol de inúmeros interesses e necessidades, porque “as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global” (Jornal do Comércio: 22 de outubro de 1910). Essa interferência alterou radicalmente a vida cotidiana, as culturas tradicionais e afetou hábitos e costumes dos habitantes da cidade. Para tais fins, ações de cunho repressivo ou depreciativas eram realizadas por fiscais de órgãos públicos, escolas, polícia, imprensa, por vários organismos institucionais que realizavam seus feitos objetivando um pretense bem comum da sociedade” (SANTOS JÚNIOR, 2013).

Partindo deste exemplo amazônico que teve espaço em Manaus, a proposta é seguir o debate acerca do patrimônio deixado pela elite gomífera como gentrificante e de amplo impacto na região norte. O impacto da descoberta do látex de *Hevea brasiliensis*, a seringueira, foi enorme devido ao seu alto potencial elástico e econômico que, transformou o século o modernizando, com os adventos dos pneus de carros e avião. Se ainda não fomos modernos ou humanos, conforme afirmam Latour (1994) e Haraway (2009), ou se ainda seremos, há uma discussão calorosa. Porém, se hoje vivemos um antropoceno ou capitaloceno (GANE & HARAWAY, 2015) foi devido ao advento da borracha, portanto, estudar o patrimônio associado a este período é investigar uma arqueologia da modernidade. De tal modo, a materialidade do período da borracha pode revelar a partir de narrativas locais emaranhado de relações e materiais que produziram tantos conflitos e riqueza na região.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001, segundo a portaria 206, de 4 de setembro de 2018. Destaco que tal financiamento, bolsa de

doutorado, é indispensável para fazer ciência no país. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), programa conceito 5, que vem contribuindo para a formação em nível de excelência na área de antropologia/arqueologia na Amazônia. Agradeço ao meu orientador Diogo Costa; à Renata de Godoy, quem ministrou em 2018-I a disciplina de Arqueologia no Contemporâneo a partir da qual iniciei discussão para o presente artigo e também ao Nelson Sanjad, do Museu Paraense Emílio Goeldi, que atenciosamente supervisionou o acesso à coleção Guilherme de la Penha, assim como cedeu outros materiais para esta pesquisa.

Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun. 2008 *A Vida Social das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Tradução: A. Bacelar. Editora da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BALÉE, W (Ed.). 1998. *Advances in Historical Ecology*. New York: Columbia University Press.

BEZERRA, Márcia. 2011 “As moedas dos índios”: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 6(1):57-70.

_____. 2013. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista Arqueologia Pública*, 7(1 (7)), pp.107-122.

DEETZ, J. *In small Things forgotten: an archaeology of early american life*. New York: Anchor, Doubleday, 1996.

ERICKSON, C. 2008. Amazonia: the historical ecology of a domesticated landscape. In: SILVERMAN, H.; ISBELL, W. (Eds.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer. p. 157-183

FORBES, H. 2007. *Meaning and identity in a Greek landscape: an archaeological ethnography*. Cambridge University Press, Cambridge.

GANE, N., & HARAWAY, D. 2010. Se nós nunca fomos humanos, o que fazer?. Gane & Haraway—Interview with Donna Haraway. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (6).

GEERTZ, C., 1978. A interpretação das culturas A interpretação das culturas A interpretação das culturas. *Rio de Janeiro/RJ: Zahar editores*.

HARAWAY, D. 2015. Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene: Making kin. *Environmental humanities*, 6(1), 159-165.

HECKENBERGER, M. 1996. *War and peace in the shadow of empire: sociopolitical change in the upper Xingu of southeastern Amazonia* PhD Dissertation - University of Pittsburgh, Department of Anthropology, Pittsburgh.

INGOLD, Tim. 2000. *Perceptions of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. Routledge

_____. 2008. Pare, olhe, escute! – um prefácio. Tradução de ROMÃO, Ligia M.V.; BALIEIRO, Marcos; VALENTINI, Luisa FRANK, Eliseu; FIORE, Ana Letícia de; HARAYAMA, Rui *Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. Ano 2, versão 3.0, 3p., jul.

KOHN, E., 2013. *How forests think: Toward an anthropology beyond the human*. Univ of California Press.

LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos*. Editora 34.

OLSEN, B. 2007. "Genealogías de la asimetría: por qué nos hemos olvidado de las cosas". En A. González Ruibal (ed.): *Arqueología simétrica: un cambio teórico sin revolución paradigmática*. *Complutum* n? 18, 287-291.

_____. 2010. *In defense of things: archaeology and the ontology of objects*. Rowman Altamira.

RUIBAL, A.G., 2008. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. *MUNDOS TRIBALES*, p.16.

SANTOS GRANERO, Fernando. *The Occult Life Of Things: native amazonian theories of materialization and personhood*. Tucson, University of Arizona Press, 2009.

SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. 2013. *Manaus da Belle Époque: tensões entre culturas, ideais e espaços sociais*. XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento Histórico e diálogo social. Natal, RN. 22-26, jul.

SILVA, F.A., 2009. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 4(1), pp.27-37.

TILLEY, C. (1996): *An emography o/ the Neolithic: early prehistoric societies in Southern Scandinavia*. Cambridge University Press, Cambridge.

VALE, Ana. 2015. A Arqueologia e as Coisas. A disciplina e as correntes pós-humanistas. *Almadam*